

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANDERSON DA SILVA



**RELAÇÕES CONFLITANTES NA FAMÍLIA
UMA ABORDAGEM A PARTIR DA RODA DE LEITURA**

**COLOMBO
2013**

JANDERSON DA SILVA

RELAÇÕES CONFLITANTES NA FAMÍLIA
UMA ABORDAGEM A PARTIR DA RODA DE LEITURA

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profª Drª Nen Nalú Alves das Mercês

COLOMBO
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

JANDERSON DA SILVA

RELAÇÕES CONFLITANTES NA FAMÍLIA UMA ABORDAGEM A PARTIR DA RODA DE LEITURA

Trabalho aprovado como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, do curso de especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio, Núcleo de Educação a Distância, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Nen Nalú Alves das Mercês
Orientadora - Departamento de Enfermagem da
Universidade Federal do Paraná

Profª Mestre Edivane Pedrolo
Instituto Federal do Paraná

Profª Mestre Josiane Ferla
Instituto Federal do Paraná

Curitiba, 16 de dezembro de 2013.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente
à Deus, que me proporcionou esta
oportunidade e que me fez acreditar
as conquistas são possíveis a todos
que se dedicam.

Dedico também a minha esposa
Patrícia e meu filho, Victor.
E também à alguém muito especial
que se foi, que com certeza está
vibrando de alegria a cada
conquista de um filho seu, minha
mãe que não esta mais entre nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me dar forças para concluir este trabalho;

Agradeço à toda a minha família pelo apoio;

Aos meus amigos, pela força dada para a continuidade desse trabalho; e,

E por fim, à minha orientadora, Prof.^a D^a Nen Nalú, pela atenção indispensável, por sua dedicação e pela ajuda prestada.

RESUMO

O presente trabalho objetiva demonstrar a importância da do respeito nas relações entre pais e filhos para o desenvolvimento na construção da personalidade e na educação e como os conflitos podem desconstruir o sujeito e sua personalidade. Essas observações feitas a partir da discussão e do debate sob a forma de roda de conversa entre os participantes envolvidos, cujos resultados serão analisados e debatidos para a busca do bem comum. O tema é um assunto que deve ser abordado, pois envolve a preservação e a proteção da saúde humana. Fala-se em especial nas relações que frustram adolescentes e os levam ao isolamento. Trata-se também do aspecto jurídico existente que protege a criança e o adolescente. Esse estudo, apesar de não atender as expectativas quanto ao seu objetivo, serviu para aproximar a coletividade e mostrar que as dificuldades podem ser minimizadas quando tratadas de forma coletiva, onde as experiências em comum trazem subsídios para os problemas enfrentados por todos no cotidiano doméstico.

Palavras-chave: Instituições acadêmicas. Violência doméstica. Defesa da criança e do adolescente.

ABSTRACT

This paper aims to demonstrate the importance of respect in relationships between parents and children development in personality and education, and how conflicts can deconstruct the subject and your personality. These observations from the discussion and debate in the form of conversation between the participants involved, the results will be analyzed and discussed for the search for the common good wheel. The topic is a subject that must be addressed, because it involves the preservation and protection of human health. We talk about the special relationship that frustrate adolescents and lead to isolation. It is also the existing legal aspect that protects children and adolescents. This study, although not how to meet your goal expectations, served to bring the community and show that the difficulties can be minimized when treated collectively, where common experiences bring benefits to the problems faced by all the everyday household.

Keywords: academic institutions. Domestic violence. Defense of Children and Adolescents.

LISTA DE SIGLAS

APMF – Associação de Pais, Mestres e Funcionários

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

MS - Ministério da Saúde

PPP – Projeto Político Pedagógico

SINAM – Sistema Nacional de Atendimento Médico

SUS – Sistema Único de Saúde

UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1 FAMÍLIA	15
3.1.1 Papel da Família	15
3.1.2 Relações Familiares Conflituosas ou Conflitantes	16
3.1.3 Violência e Violência Doméstica	17
4. METODOLOGIA.....	19
4.1.1 Roda de conversa	19
4. 2. LOCAL DA INTERVENÇÃO.....	20
4. 3. PARTICIPANTES DA INTERVENÇÃO	24
4. 4. PERCURSO METODOLÓGICO	25
1º Momento	25
Encontro no dia 02/08/2013	25
2º Momento	28
Encontros nos dias: 9/08, 16/08 e 23/08/2013; 6/09, 13/09 e 20/09/2013.	28
Encontro de 09/08/2013	28
Encontro de 16/09/2013	30
Encontro de 23/08/2013	31
Encontro de 13/09/2013	34
Encontro de 20/09/2013	35

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE	44

1. INTRODUÇÃO

Por uma série de motivos, como a urbanização, as separações e divórcios, a redução do número de filhos e a participação feminina no mercado de trabalho, desde a metade do século XX, a família vem passando por intensas transformações econômicas, sociais e trabalhistas, principalmente no ocidente (SINGLY, 2000).

Começa, então, a emergir a “família igualitária”, no qual homens e mulheres participam em condições de quase igualdade no mercado de trabalho e no trabalho doméstico FIGUEIRA (1987).

O padrão de relacionamento também se modificou nas relações entre pais e filhos, pois não cabe mais a relação calcada na autoridade, mas no diálogo (Lisboa, 1987), o qual é considerado um elemento importante dentro do contexto familiar, principalmente, no que se refere à convivência entre os membros da família (WAGNER; RIBEIRO; ARTECHE; BORNHOLDI, 1999).

Figueira (1987) afirma que os acelerados processos de transformação ocorridos nas relações familiares conduziram à inexistência de referenciais pessoais claros para a orientação da conduta dos indivíduos. Assim, o comportamento aceitável no passado, como a força física na educação infantil, hoje são considerados crimes coibidos pelos direitos constitucionais (CECCONELLO, DE ANTONI; KOLLER, 2003).

Dessa maneira, observa-se um conflito constante entre pais e filhos, uma vez que os valores inculcados pelos pais não cabem na realidade (COSTA, 1985), estabelecendo uma relação conflituosa com os pais e com os valores destes. Os jovens exigem um referencial de educação que seus protetores não possuem, culminando, muitas vezes, em práticas educacionais sem consistência que influenciam negativamente no desenvolvimento dos filhos.

Segundo Lima (2004, p. 41), “o comportamento ambivalente de seus pais resultará em uma comunicação complicada, associada ao afeto disfônico. Abuso físico e sexual, problemas acadêmicos, separação ou divórcio dos pais são importantes fatores de risco”.

Segundo dados do Ministério da Saúde (MS) (Brasil, 2008), entre 2000 e 2005 foram registrados 5.049 homicídios de crianças com idade até 14 anos e muitos desses óbitos ocorreram dentro de casa.

Conforme o MS (Brasil, 2009, p.7), a violência psicológica:

é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento dos indivíduos por agressões verbais ou humilhações constantes, como: ameaças de agressão física, impedimento de trabalhar fora, de sair de casa, de ter amizades, de telefonar, de conversar com outras pessoas.

Ainda sobre violência contra a criança, Minayo (2001, p.7) diz que:

[...] a violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Implica, de um lado, uma transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade em geral e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de crescimento e desenvolvimento.

O ambiente familiar deve favorecer o desenvolvimento do adolescente de maneira saudável e segura, pois é um período que eles precisam muito do exemplo, do estímulo e do diálogo. Segundo Weiss (2004, p. 23),

[...] aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento a expressão deste através da produção escolar (...). O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

Por tudo isso, há necessidade de ações coletivas que envolvam a comunidade escolar para melhorar a qualidade de vida e o aproveitamento desses alunos. O objetivo será alcançado se ocorrerem ações conjuntas e coordenadas. Para isso, precisar-se-á de uma mudança cultural no comportamento dos sujeitos envolvidos e a criação de um novo paradigma na atenção a esses alunos, para que se consiga dar-lhes o que a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988, garante em seu artigo 227:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à educação ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2010).

Dentre as diversas dificuldades enfrentadas pelos professores e professoras no exercício da profissão, a questão de relacionamento entre adolescentes e sua família se apresenta como elemento motivador da evasão e da repetência e, além disso, muitos desses jovens estão apresentando sintomas de depressão e revolta, que acaba por levá-los ao isolamento. A aplicação desse projeto justifica-se pela necessidade urgente de reduzir ou eliminar os problemas relacionados ao ambiente familiar que vem prejudicando o adolescente em seu desempenho escolar e sua formação como indivíduo. São ações familiares violentas de toda ordem de deixarão como consequência marcas para toda a vida. Muitas vítimas dessa agressividade (que ainda não é o nosso caso) vão a óbito. A degradação física e emocional dos jovens afetam, além deles, a própria família e a sociedade de forma geral.

É absurdo o número de relatos que acompanhamos sobre a conflitante vida que levam pais e alunos da nossa instituição de ensino. São pais agredindo filhos, tirando-os da escola, são filhos ameaçando pais ou se evadindo da escola como forma de vingança e, em alguns casos, uma extrema passividade de outros que não regram absolutamente nada na vida dos filhos. Considerando que a família ainda é o esteio para o desenvolvimento psicológico e social do indivíduo e que a escola está inserida nesse contexto, então, é preciso que modifiquemos esse mito de família para que a violência contra o adolescente não se banalize.

Dessa forma, delineou-se a seguinte pergunta de intervenção: ***como a escola e seus integrantes podem contribuir para a redução da violência contra adolescentes dentro de casa?***

O problema delimitado e o interesse de realizar este projeto com a temática das relações conflitantes no espaço escolar foram motivados pela minha vivência no “chão” da escola, onde percebo que alunos se distanciam, se isolam, perdem rendimento e se evadem da escola por motivos que, muitas vezes, poderiam ser tratados dentro do espaço escolar.

A escola nunca foi tão criticada como na atualidade por sua qualidade e por sua participação no contexto social, mas nunca se precisou tanto dela como agora.

Assim, esse trabalho de intervenção busca caminhos para discutir os conflitos que pais e alunos de uma turma de primeiro ano do ensino médio enfrentam em sua relação cotidiana, trazendo para dentro do espaço escolar o diálogo entre os sujeitos a partir da roda de conversa.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Desenvolver com alunos no ensino médio do Colégio Estadual Jayme Canet em Curitiba, práticas voltadas à valorização do Ser saudável e sua autoestima nas relações interpessoais conflitantes, através da roda de conversa.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar situações de violência, que estejam colocando em risco à integridade física e/ou psicológica do aluno;
- Discutir as relações familiares conflitantes e seu impacto na vida aluno;
- Difundir o hábito do diálogo e da leitura para a promoção do Ser saudável no cenário escolar.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 FAMÍLIA

O dicionário Aurélio (1988, p.347) define família como sendo “pessoas aparentadas que vivem, em geral na mesma casa, particularmente, o pai, a mãe e o filho”, ou ainda: “pessoas do mesmo sangue”, ou da “mesma origem e ascendência”. Assim, pode definir a família como um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, unidas por laços de sangue ou de afeto, e que o espaço de convivência representa o local onde se estabelecem os vínculos afetivos, positivos, ou negativos.

3.1.1 Papel da Família

A família tem um papel preponderante e fundamental na construção do sujeito, influenciando na personalidade e no comportamento do indivíduo em suas relações sociais (DRUMMOND; DRUMMOND FILHO, 1998). Então, pode-se afirmar que esta instituição é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (SCHENKER; MINAYO, 2003).

No Art 227 da Constituição Federal em seu Art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a família é responsável por criar, cuidar, educar, proteger e garantir o desenvolvimento de suas crianças. Para isso, deve ter o apoio da comunidade e do governo.

Dessa maneira, ao grupo familiar cabe o estabelecimento de limites e formas para as relações que se estabelecem entre as gerações (SIMIONATO, 1998), promovendo a adaptação do indivíduo com a sociedade.

De acordo com o ECA (1990), em seu art. 3º,

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

3.1.2 Relações Familiares Conflituosas ou Conflitantes

Pais e filhos vivem em momentos diferentes de transformação, onde um questiona o outro, sendo necessário que a família supere as crises instaladas e englobe as diferenças dos seus componentes, para o bem estar familiar.

É importante ressaltar que a manutenção da saúde familiar depende também, da boa qualidade das relações entre os membros e da boa qualidade das trocas familiares com o contexto com o qual estão inseridos (SCABINI, 1992).

Freire (2000, p. 29) disse:

A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade.

A liberdade não significa libertinagem e o autoritarismo não significa cerceamento, ambos, liberdade e autoridade podem não ser forças antagônicas se tratadas com coerência. Freire (2000, p. 35) afirma que “é vivendo com lucidez a tensa relação entre autoridade e liberdade que ambas descobrem não serem necessariamente antagônicas uma da outra”.

A disciplina é resultado da prática do diálogo e da sapiência em quando e como impuser limites, pois se a liberdade em demasia é perniciosa, o autoritarismo é nocivo para o adolescente que, vendo cerceado seu desejo e opinião, entrega-se ao isolamento e a introspecção.

Sobre isso, Freire (2000, p. 18) diz:

[...] a mim me dá pena também e preocupação, igualmente, quando convivo com famílias que vivem a outra tirania, a da autoridade em que as crianças caladas, cabisbaixas, “bem comportadas”, submissas nada podem. Quão equivocados estão pais e mães ou quão despreparados se encontram para o exercício de sua paternidade e de sua maternidade quando, em nome do respeito à liberdade de seus filhos ou filhas, os deixam a si mesmos, a seus caprichos.

3.1.3 Violência e Violência Doméstica

A violência contra crianças e adolescentes é um problema que assola a humanidade, seja em países desenvolvidos e em desenvolvimento (PIRES, 2005).

Segundo Minayo (2003, apud Costa et al., 2007) ela acompanha a trajetória da humanidade, em diferentes formas e momentos da história.

No Brasil, crianças e adolescentes são vítimas cotidianas da violência doméstica, sendo este um fenômeno universal e endêmico (DAY et al, 2003). De acordo com o Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde (CLAVES), a violência contra crianças e adolescentes constitui hoje a primeira causa de morte na faixa etária de 5 a 19 anos e a segunda causa de morte entre as crianças de 1 a 4 anos (PIRES et al., 2005).

Day et al. (2003, p. 10) definem a violência doméstica como:

(...)toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue.

A Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, no seu Artigo 5º, considera violência doméstica como aquela “compreendida no espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas” (BRASIL, 2006, p.13).

Associada a questão do autoritarismo paterno estão as relações violentas entre pais e filhos. Dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAM) do Ministério da Saúde mostram o número de atendimentos no Sistema Único de Saúde (SUS) de jovens vítimas de violência em 2011. Das 39.222 vítimas, 60,3% são meninas. (MINISTERIO DA SAÚDE, 2011, p.10).

Segundo Rosa e Lira (2012,p.4),

a violência contra crianças e adolescentes parece ter uma relação direta com as relações afetivas firmadas entre pais e filhos. Assim, muitas crianças sentem-se ameaçadas e negligenciadas, no que se refere ao relacionamento afetivo entre elas e seus pais. Neste sentido, não encontram

motivação para acreditarem na sua importância no meio familiar.

Os profissionais da educação que convivem diariamente com os adolescentes precisam estar atentos às mudanças comportamentais de seus alunos para evitar que estes carreguem sequelas para a vida toda.

4. METODOLOGIA

4.1 TIPO DE INTERVENÇÃO

Este trabalho de intervenção se aproxima dos pressupostos da pesquisa-ação que de acordo com Thiollent (2008, p. 16),

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A abordagem metodológica utilizada para implementar o projeto de intervenção foi a roda de conversa, descrita a seguir:

4.1.1 Roda de conversa

Segundo Portelli (2000, p. 67), in Ferreira et al., (2000,)

(...) devemos insistir no fato de que, para ter uma comunicação oral, é preciso que as pessoas falem umas com outras. Por isso a essência do nosso desafio é renovar a questão do diálogo. Essa questão significa (...) a luta pela igualdade. Não há diálogo quando não á igualdade.

A escolha da roda de conversa se caracterizou pela forma simples e econômica de encaminhamento, bem como por possibilitar uma interação coletiva que nada mais é que a criação de ambientes de diálogo, onde todos, alunos e professores tenham a liberdade de se expressar e, principalmente, ouvir os outros e a si mesmo. O objetivo caminha pela busca da construção da independência e da autonomia dos indivíduos por meio da problematização, da troca de ideias e pensamentos e da reflexão para a ação. Dessa forma, buscaremos por reduzir ou minimizar os problemas de relacionamento familiar que impedem seu desenvolvimento na escola e nas relações interpessoais.

A ideia é valorizar os processos coletivos sobre o individualismo, tornando o indivíduo, protagonista de sua própria história.

Essa ideia é corroborada por Devries e Zan (1988, p. 16), pois

aprendem que todas as vozes têm uma chance de ser ouvida, que nenhuma opinião tem mais peso do que a outra e que têm o poder de decidir o que ocorre em sua classe; (...) praticam o respeito e a cooperação mútua enquanto trabalham juntas, escutam umas às outras, trocam opiniões, negociam problemas e votam em tomar decisões que afetam todo o grupo.

A interação promove o desenvolvimento geral do raciocínio, da inteligência, além de construir conhecimento de forma coletiva que servirão de base para os alunos enfrentarem seus problemas particulares. Para Freire (2002, p. 132), a leitura é “o espaço do educador democrático que aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio de quem, falando, cala para escutar o outro o quem, silencioso, e não silenciado, fala”.

A roda atende a necessidade, na prática educativa, de organizar e administrar conflitos, a partir de respostas encontradas pelo próprio indivíduo que na interação perceberá o importante valor que se deve dar à amizade, ao senso, aos deveres e direitos e a solidariedade.

4. 2. LOCAL DA INTERVENÇÃO

O trabalho de intervenção foi realizado no Colégio Estadual Jayme Canet, situado a Rua Ana Aparecida Lopus Canet nº 133, Xaxim, Curitiba, Paraná, tendo como mantenedor o Governo do Estado do Paraná. A instituição esta situada na zona sul da cidade de Curitiba, considerada área central do bairro Xaxim, o Colégio situa-se próximo a paróquia mais antiga da região, assim como do Seminário dos Padres Josefinos, que são os administradores da Igreja local.

O Colégio Estadual Jayme Canet - Ensino Fundamental e Médio por Blocos de Disciplinas, iniciou suas atividades em 28 de abril de 1964, com o nome de Grupo Escolar Jayme Canet, sob o Decreto n.º 14.766 (legislação vigente lei 4.024/61) (Projeto Político Pedagógico, 2012) E, situava-se na Rua Francisco Derosso S/N- bairro Xaxim, em Curitiba, Paraná.

A autorização de funcionamento foi em 23 de Dezembro de 1975, sob o Decreto n.º 1.362. A Escola fica autorizada a funcionar como Estabelecimento de Ensino de 1º Grau, nos termos da Legislação vigente Lei Federal 5.692 de 11 de agosto de 1971, como o nome de Escola Jayme Canet – Ensino de 1º Grau, do mesmo município. Em 02 de Dezembro de 1981, através da Resolução n.º 2.876/81 estabelece-se o reconhecimento do Curso de 1º grau da Escola. Recebeu em 05/03/1998 o parecer nº 483/98 para o reconhecimento de curso de Ensino Médio e Ensino Médio Regular Organizado Em Blocos de Disciplinas - Ato Legal Resolução 1.673/2008 em 25/04/2008 e DOE 28/07/2008. (PPP, 2012)

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 93494/96 e a deliberação 003/98 do Conselho Estadual de Educação de 02/07/98 passou a denominar-se Colégio Estadual Jayme Canet – Fundamental e Médio.

O Colégio Estadual Jayme Canet atende hoje 1841 alunos divididos em 57 turmas, sendo:

Ensino fundamental regular:

- 245 alunos de 6º ano: 08 turmas de 30 alunos em média;
- 279 alunos de 7º ano: 08 turmas de 34 alunos em média;
- 259 alunos de 8º ano: 08 turmas de 32 alunos em média;
- 267 alunos de 9º ano: 07 turmas de 38 alunos em média;

Ensino médio organizado por blocos de disciplinas:

- 265 alunos de 1ª série: BLOCOS 01 e 02 - 08 turmas de 33 alunos em média;
- 281 alunos de 2ª série: BLOCOS 01 e 02 - 08 turmas de 35 alunos em média;
- 245 alunos de 3ª série: BLOCOS 01 e 02 - 08 turmas de 30 alunos em média;
- O horário de funcionamento está organizado em três turnos, sendo:
- Manhã: das 07h25min às 11:50h, com o intervalo de 20 minutos, das 10h às 10h20min.
- Tarde: das 12h55min às 17h20min, com intervalo de 20 minutos, das 15h30min às 15h50min.
- Noite: das 18h55min às 22h45min com um intervalo de 10 minutos, das 21h05min às 21h15min.

O Colégio possui três blocos, sendo um Administrativo e dois destinados às salas de aula. Conta com 26 salas, das quais duas têm destinações específicas: Laboratório de Química/ Física /Biologia e Sala de Arte.

O Bloco Administrativo contém:

- 01 sala para a Diretoria Geral
- 04 salas para atendimento pedagógico
- 01 sala dos professores para hora permanência
- 01 sala de almoxarifado
- 01 sala para funcionários
- 02 banheiros (masculino e feminino) para funcionários
- 01 cozinha
- 01 cantina para servir a merenda
- 01 dispensa para mantimentos
- 01 banheiro feminino com vasos sanitários para alunos
- 01 banheiro masculino com mictório e vasos sanitários para alunos
- 02 bebedouros com 05 torneiras cada
- 01 sala para material de limpeza
- 01 biblioteca
- 01 anfiteatro
- 01 refeitório
- 01 cantina Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF)

Bloco Inferior:

- 05 salas de aula
- 02 depósitos para materiais diversos

Bloco Superior:

- 10 salas de aula
- 01 sala de Arte
- 01 sala de mecanografia e xerox
- 01 laboratório Física/Química/Biologia;

Conta ainda com:

- 02 canchas cobertas (Futebol e Basquete)
- 01 cancha de vôlei
- 01 cancha de areia
- 01 sala para material de Educação Física
- 01 sala de Educação Física
- 02 salas para projetos (apoio Português e Matemática)
- 01 Secretaria com banheiro
- 02 salas para arquivo morto
- 01 laboratório de informática com um banheiro
- 01 pomar/horta
- 01 estacionamento para professores e alunos
- 01 casa do caseiro.

As Equipes Administrativa e Pedagógica são compostas por:

- Uma Diretora
- Duas Diretoras- Auxiliares
- Uma Secretária
- 08 Pedagogas
- 12 Técnicos Administrativos (agentes educacionais II)
- 18 Auxiliares de Serviços Gerais (agentes educacionais I)
- 85 Professores
- 01 Laboratorista

O Colégio Estadual Jayme Canet atende alunos do Ensino Fundamental e Médio, com idade aproximada entre 11 e 21 anos, compreendendo ainda um pequeno percentual fora dessa faixa etária. A grande maioria dos alunos fora da faixa etária está matriculada no período noturno.

Os alunos são oriundos de classe social variada e de origem étnica bastante diversificada. A grande maioria reside no bairro, possui casa própria ou alugada, vindo ao colégio a pé, de ônibus ou de carro.

Existe ainda um percentual significativo de alunos, que moram em bairros

próximos como: Boqueirão, Alto Boqueirão, Sítio Cercado e Bairro Novo. Esses alunos, segundo informações das próprias famílias, procuram estudar no Colégio Estadual Jayme Canet em função da segurança, disciplina e qualidade de ensino.

Os alunos pertencem às famílias compostas por pai, mãe e irmãos; pais separados; pais solteiros; criados ou cuidados por avós, tios ou irmãos mais velhos, havendo discreta predominância de família composta por pai, mãe e filhos. Os aspectos comuns a todos os tipos de famílias é o número de componentes que, em geral, não ultrapassa cinco elementos. Outra característica comum é o fato de que os integrantes da família são trabalhadores ativos e/ou possuem alguma renda.

Há ainda um percentual pequeno de alunos com dificuldades econômicas extremas, que procuram ajuda financeira nos programas do governo e recebem assistência da APMF no que se refere ao suprimento de material escolar e uniforme.

Embora o Colégio esteja bem localizado e a clientela não seja considerada carente, existe o problema da segurança e violência, pois os alunos são muito assediados por gangues de bairros e traficantes. Este fator tem gerado preocupação entre pais e professores, que cada vez mais têm procurado a instância colegiada para buscar alternativas na superação do problema.

4. 3. PARTICIPANTES DA INTERVENÇÃO

Os participantes do projeto foram jovens de 14 a 16 anos, na maioria, participativos e extrovertidos, mas dentre eles há alguns que vem apresentando problemas de aproveitamento causados por problemas domésticos, segundo relato deles mesmos.

As atividades foram realizadas com 15 alunos do primeiro ano do ensino médio do período matutino. Desses oito são meninas e sete meninos que interagem apenas com este professor.

O grupo foi selecionado por pertencer a uma sala com poucos alunos que propiciam uma atividade dirigida e que são receptivos à interação. O convite foi feito em sala de aula de forma facultativa a participação de cada um. Todos demonstraram interesse pelo tema naquele momento.

4. 4. PERCURSO METODOLÓGICO

As atividades de roda de conversa foram realizadas às sextas-feiras entre Agosto e Outubro de 2013, no Auditório da escola das 10h20min às 11h50min horas, somando um total de 07 encontros devidamente registrados.

O método utilizado foi à roda de conversa, fazendo-se uso da técnica de depoimentos pessoais coordenados pelo professor e questionários (Apêndice 1) onde cada pessoa tem a liberdade de se expressar espontaneamente sem receber nenhum tipo de interpelação ou repreensão. O aluno pode interromper seu discurso a qualquer momento, sendo que o restante estará apenas como ouvintes.

As trocas de ideias ocorreram a partir do interesse individual dos envolvidos. O projeto foi apresentado e aprovado pelos alunos, direção, coordenação pedagógica e pelos membros da Associação de Pais, Mestres e Funcionários.

Para planejar a atividade foi preciso atrair os alunos para o tema a partir de leituras que versavam sobre o tema da violência dentro de casa contra adolescentes. Os encontros ocorreram durante as aulas de sexta-feira, reservada à prática de leitura da disciplina de Língua Portuguesa, sem interferir no desempenho e no desenvolvimento do conteúdo da disciplina.

1º Momento

Encontro no dia 02/08/2013

O primeiro momento foi realizado a partir da apresentação do Filme “Preciosa – Uma História de Esperança” conta a história de Claireece Preciosa Jones, uma adolescente de 16 anos residente no bairro de Harlem em Nova York (Playarte Pictures, 2009).

Preciosa, como prefere ser chamada, cresceu e vive em um ambiente hostil, no qual se defrontou com muitas adversidades, tais como a pobreza e o preconceito, pois Preciosa, além de negra, era também obesa e mãe adolescente. Preciosa foi vítima de múltiplas formas de violência em seu próprio lar, tais como a negligência dos pais com relação a sua saúde e educação, episódios constantes de violência

psicológica de sua mãe e também violência física e sexual perpetradas pela sua mãe e seu pai, sendo que seus dois filhos foram frutos do abuso sexual sofrido.

Além das agressões sofrida em casa, Preciosa foi vítima de bullying pelos colegas da escola, fazendo com que a mesma não se relacionasse com os pares e ficasse sentada em silêncio na última carteira da sala de aula durante todo o período letivo, não saindo nem mesmo para utilizar o banheiro, de tal modo que ela chegou aos 14 anos de idade sem compreender o que os professores lhe diziam, sendo abandonada no fundo da sala de aula pelos professores e colegas. Ao engravidar pela segunda vez, Preciosa foi expulsa da escola regular e convidada a frequentar uma escola alternativa, onde ela conhece a professora Rain que lhe oferece uma educação mais inclusiva e um relacionamento mais próximo e respeitoso, que, juntamente com as amigas estabelecidas, vão auxiliar Preciosa dar um rumo novo a sua vida.

O filme retrata de forma realista o pesadelo vivenciado por vítimas de violência em seu próprio lar. Preciosa é uma garota apática, sem amigos e que traz no rosto um semblante sempre fechado. As cenas em sua casa são sempre escuras, de modo a ressaltar a tristeza e desesperança reinantes. Em contraposição, as cenas imaginadas por Preciosa, em que esta era uma figura famosa, cercada por fãs e bem cuidada, oferecem uma explosão de cores e luz à tela.

Em “Preciosa – Uma História de Esperança” temos a jornada de uma garota por um caminho com inúmeras adversidades, mas que nunca deixa de acreditar em um futuro melhor para si. No entanto, o desfecho do filme não nos revela uma Preciosa que possa ser identificada com aquela de sua imaginação, famosa e muito amada. Antes disso, o desfecho nos revela uma Preciosa que ainda enfrenta diversas dificuldades como cuidar sozinha da filha portadora de Síndrome de Down e do filho mais novo, arrumar um emprego e ter que lidar com os sintomas da AIDS, mas que se sente capaz de dar os primeiros passos, que apresenta pequenos progressos que lhe garantirão uma vida mais estável e também mais feliz.

Tal desfecho traz-nos uma dose de realidade, obrigando-nos a nos deparar brutalmente com a dificuldade que Preciosa, com todo o seu histórico de vitimização, encontra para dar outro rumo a sua vida. E, embora nos apresente uma Preciosa

mais fortalecida, com mais poder e capaz de viver uma vida mais estável e mais feliz, nos convida a encarar a realidade de que, talvez, algumas marcas da violência não possam jamais ser extirpadas.

Outro aspecto que deve ser ressaltado no filme se refere a sensibilidade com que a rede de fatores de proteção é apresentada a Preciosa durante a sua trajetória. O filme mostra de forma minuciosa e com uma representação realista as falhas existentes nessa rede de proteção, a começar pela escola de ensino regular, que durante os quase dez anos que Preciosa a frequentou, não conseguiu identificar os sinais e sintomas de vitimização apresentados pela garota, nem mesmo lidar com as dificuldades de aprendizagem enfrentadas por ela.

Outro ponto que merece destaque diz respeito ao fato de que a figura do pai abusador tem seu papel ocultado pela presença da mãe – negligente e perpetradora de violência física, psicológica e sexual em Preciosa. Assim, embora a mãe tenha se apresentado extremamente inadequada e responsável em grande parte pelo pesadelo vivido por Preciosa, é perigoso deixar que esta figura ressalte de modo excessivo encobrendo a relação do pai, o qual se comportava de forma tão inadequada e digna de indigna quanto à mãe conivente com o abuso sexual sofrido pela filha e, portanto, tão ou mais responsável pelo sofrimento da personagem.

Por fim, vale ressaltar que o filme faz uma menção crítica sutil a diversos preconceitos enraizados na cultura americana, tais como o preconceito contra homossexuais, o qual se revela na fala de Preciosa sobre a crença de sua mãe de que homossexuais são pessoas ruins e também na crença da mãe de que a AIDS só pode ser transmitida por sexo anal.

A partir da apresentação do filme, os alunos trocaram ideias sobre o contexto do filme e da realidade do cotidiano da nossa comunidade para que a discussão se reflita sobre cada tópico apresentado no filme.

Esse primeiro encontro proporcionou a implementação do projeto de intervenção com o grupo. Foi indagado sobre o conteúdo abordado pelo filme e todos relacionaram de forma sucinta a violência sexual, o incesto, o preconceito racial e a homofobia.

Um grupo de alunos indagou o porquê da utilização de uma personagem negra e gorda para representar aquele papel, pois segundo o aluno o tema é um problema que ocorre em qualquer lugar.

A pergunta motivou o encontro, pois os outros começaram a buscar respostas para cada tema, como exploração, estereótipos e padrões de beleza.

Ao final do encontro, os alunos foram orientados a pesquisarem junto ao Ministério da Saúde, os números da violência no Brasil, contra a criança e o adolescente, dentro de casa, cometidas por pai, mãe ou responsável.

2º Momento

Encontros nos dias: 9/08, 16/08 e 23/08/2013; 6/09, 13/09 e 20/09/2013.

Nesta etapa, foram seis encontros de roda de conversa com temáticas específicas sobre a violência cometida dentro de casa, nas suas mais variadas formas, dando a palavra àqueles que quisessem relatar seus conflitos intrafamiliares ou suas experiências, bem como a leitura do texto da Lei 8.069/90, Estatuto da criança e do adolescente – Capítulo I que trata do direito à vida e à saúde; Capítulo II: do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade e capítulo III: do direito à convivência familiar e comunitária (ECA, 1990).

A esse respeito, Minayo e Gomes(2006, p 17) apontam experiências exitosas na prevenção da violência doméstica contra adolescentes, reconhecendo a família como “um ator fundamental, tendo em vista que esta instituição é o lócus privilegiado de relações primárias que conformam a identidade e a personalidade de meninos e meninas”.

Encontro de 09/08/2013

Nesse encontro foi realizada a leitura específica da Lei 8.069/90. O Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Capítulo I que trata do Direito à vida e à saúde:

Art. 7º A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o

nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência. (ECA, 2010. p. 16)

Após a leitura desse artigo, um aluno indagou sobre a legislação brasileira e a americana, em virtude do apresentado no filme. Outro colega completou que o filme era uma contextualização da realidade onde nós vivemos.

Aos alunos foi repassada a responsabilidade que cada um tem em relação à criança e ao adolescente, Estado e família.

Posteriormente foram realizadas as leituras do Art. 12 e 13:

Os estabelecimentos de atendimento à saúde deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente. (ECA, 2010, p.17)

Os casos de suspeita ou confirmação de maus tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais. Parágrafo único. As gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção serão obrigatoriamente encaminhadas à justiça da Infância e da Juventude. (ECA, 2010, p.17)

Após a leitura, os alunos retomaram a pesquisa solicitada por ocasião da apresentação do filme “Preciosa” e revelaram que dados apontam a família como o epicentro de violência contra as crianças e adolescentes.

Segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA, 2002), 44,3% dos homicídios de crianças ocorrem dentro de casa e 34,4% desses crimes são cometidos por parentes através da violência física: abuso físico, aquela ação intencional exercida pelo adulto, que ocasione dano físico à criança ou ao adolescente; psicológica: abuso psicológico, a influência negativa exercida pelo adulto, que interfira no normal desenvolvimento social da vítima ou sexual envolvendo relações heterossexuais ou homossexuais, cujo agressor tenha maior maturidade psicossocial e induza a vítima à satisfação de seu prazer. Metade das crianças submetidas a abusos sexuais continuam a viver com o agressor.

Por fim, uma aluna fez a leitura do Art. 14 da ECA :

O Sistema Único de Saúde promoverá programas de assistência médica e odontológica para a prevenção das enfermidades que ordinariamente afetam a população infantil, e campanhas de educação sanitária para pais, educadores e alunos.

Parágrafo único. É obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias. (ECA, 2010. p.18)

Encontro de 16/09/2013

No terceiro encontro foi realizada a leitura do Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Capítulo II que trata do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade em seus artigos:

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. (ECA, 2010, p.20)

Também nesse encontro foi realizada a leitura capítulo III do Estatuto que versa sobre o direito à convivência familiar e comunitária em seu artigo 22: “Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais” (ECA, 2010, p.23).

Terminada as leituras, foi acordado que os próximos encontros seriam destinados ao debate sobre o tema e a possíveis propostas de encaminhamento dos resultados e das investigações. Também se aprovou a apresentação de um questionário com as seguintes questões, que foram respondidos pelos participantes do projeto:

- Você já sofreu algum tipo de violência dentro de casa? Qual? Quando foi? Quais as consequências desse fato?
- Você tem conhecimento de algum colega que sofreu ou sofre algum tipo de violência?

- Você sabe diferenciar a punição da agressão? Existe alguma diferença para você?
- Você seria capaz de denunciar abusos cometidos contra você, se ocorressem dentro de sua casa?
- Você acha que a escola pode interceder de alguma maneira nas relações entre pais e filhos? Por quê?

Encontro de 23/08/2013

Nesse encontro, os alunos se organizaram em círculo no auditório para que fizéssemos uma discussão em forma de roda de conversa. Traziam consigo muitas dúvidas referentes aos encontros anteriores, principalmente no tema punição e agressão.

Apesar das tentativas de explicação, alguns se mostraram contrários às explicações, então ficou decidido que no próximo encontro, traríamos uma definição literal para o tema.

Foi realizada a leitura de pesquisas sobre a violência contra crianças e adolescentes. Essa leitura foi realizada pelos alunos pesquisadores, visto que cabia a eles o encaminhamento da roda de conversa.

A aluna ERL, 15 anos, fez a seguinte leitura:

Atualmente, 40,16% da população brasileira tem de 0 a 19 anos. Apesar da grandeza desse dado, o país integra o triste contingente das nações que não possuem estatísticas confiáveis relacionadas ao fenômeno da violência doméstica contra os jovens, ao lado de países como Equador, Bangladesh, Paquistão e Tunísia. Os dados são esparsos, fragmentários, quase episódicos. Dizem respeito mais à incidência e quase nunca à prevalência. Cobrem a realidade de algumas modalidades do fenômeno (violência física e sexual), enquanto outras continuam maquiavelmente ocultas (violência psicológica e negligência). Mesmo a violência doméstica fatal, aquela que leva a criança ou o jovem à morte, recebe outras denominações e acaba encoberta.

Diante desse quadro, a construção do perfil contemporâneo da violência doméstica contra crianças e adolescentes no país tem de se apoiar em dados de pesquisa, assim como em relatos de casos, depoimentos e outras fontes. O retrato emergente revela um fenômeno extenso, grave, desigual e endêmico. (AZEVEDO, 1998, p.15)

A aluna ao definir o que é e quais as formas de violência doméstica contra a criança e o adolescente, cita Azevedo e Guerra (1998, p.16),

Violência doméstica contra crianças e adolescentes: atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsável em relação à criança e/ou adolescente que sendo capaz de causar à vítima dor ou dano de natureza física, sexual e/ou psicológica implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

Violência física: toda ação que causa dor física numa criança, desde um simples tapa até o espancamento fatal.

Violência sexual: configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. Ressalte-se que em ocorrências desse tipo a criança é sempre vítima e não poderá ser transformada em ré.

Violência fatal: atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação à criança e/ou adolescente que, sendo capazes de causar-lhes dano físico, sexual e/ou psicológico podem ser considerados condicionantes (únicos ou não) de sua morte.

Negligência: representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. Configura-se quando os pais (ou responsáveis) falham em termos de alimentar, de vestir adequadamente seus filhos etc. e quando tal falha não é o resultado de condições de vida além do seu controle. A negligência pode se apresentar como moderada ou severa. Nas residências em que os pais negligenciam severamente os filhos observa-se, de modo geral, que os alimentos nunca são providenciados, não há rotinas na habitação e, para as crianças, não há roupas limpas, o ambiente físico é muito sujo, com lixo espalhado por todos os lados. As crianças são, muitas vezes, deixadas sozinhas por diversos dias, chegando a falecer em consequência de acidentes domésticos, d inanição. A literatura registra, entre esses pais, um consumo elevado de drogas ilícitas e de álcool e uma presença significativa de desordens severas de personalidade.

Para ERL a negligência é o tipo de violência mais frequentemente notificada, o que demonstra a tese de que há uma cultura camuflada do abandono infantil no país. E, que a violência psicológica mostrou-se mais presente entre aqueles com menor capacidade de seguir em frente superando as dificuldades impostas pela vida; essencial para o desenvolvimento pessoal e, para uma boa qualidade de vida do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade. Essa forma de violência pouco considerada pela sociedade é capaz de fragilizar a posição do adolescente e dos futuros adultos no mundo. Sobre essa abordagem, Costa, Bigras, Souza, Carvalho e

Santos(2008,p.3) reforçam que “a violência familiar, integrante do contexto socioeconômico, pode influenciar a agressividade dos familiares, perpetuando a violência e contribuindo para os inadequados desenvolvimento e integração social de crianças.”

O aluno JCF encarregou-se da sequencia da leitura do texto,

Estudo realizado com um grupo de 43 mães de uma favela da zona sul do Rio de Janeiro, constatou a aceitação generalizada da punição física, sendo que 41,9% declarou ter maltratado os filhos. Dessas, 23,3% reconheceram ter lhes ferido em alguma época e 27,9% disseram que usaram, algumas vezes, objetos duros para discipliná-los.

Esses dados indicam que esse tipo de punição é comumente utilizado como prática educativa.

Alguns estudos brasileiros indicam, ainda, que a violência física é a mais comumente praticada e/ou notificada em certas localidades. Uma investigação no Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos à Infância e Adolescência (CRAMI) – Campinas, de março de 1988 a março de 1992, encontrou 1.220 casos confirmados de violência doméstica, sendo que a física ocorreu em 43,1% dos casos. O abandono e a negligência foi responsável por 23,5%, a violência psicológica por 16,4%, e a sexual por 7,7%.⁶ Consultando-se também o Suplemento Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-1988), no período de um ano, é possível verificar que, em todo o país, mais de um milhão de pessoas se declararam vítimas de violência física. Desse total, 20% são crianças e adolescentes, sendo 61% meninos e 39% meninas, na faixa etária de 0 a 17 anos. Dezoito por cento dos casos estão relacionados a agressões de parentes, sendo que, sob tais circunstâncias, as meninas sofreram mais violência do que os meninos. Enquanto as crianças pardas foram mais agredidas por parentes, as brancas o foram por pessoas desconhecidas.⁷

É importante salientar que ainda temos de avançar muito para estabelecer estatísticas mais aprofundadas sobre esse fenômeno. Os números, por mais falhos que sejam, podem nos orientar a encontrar políticas de atendimento compatíveis com o problema. Só recentemente o

Brasil começou a encarar essa questão. Em 1984, saiu o primeiro livro sobre o tema: *Violência de Pais Contra Filhos: Procuram-se Vítimas*, de Viviane Nogueira de Azevedo Guerra (Editora Cortez). Daí para a frente, surgiram outras publicações e o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990 marcam o princípio de uma luta mais consistente contra esse fenômeno (Azevedo; Guerra, 1998, p. 22).

Para JCL, os adolescentes que sofrem maus-tratos familiares, também sofrem mais episódios de violência na escola, vivenciam mais agressões na comunidade e transgridem mais as normas sociais, criando um círculo vicioso de violência pela própria violência.

Encontro de 06/09/2013

No quarto encontro foram recolhidos os questionários respondidos e discutido o resultado do conjunto das respostas de forma generalizada, uma vez que todos sabiam que as respostas deveriam ser anônimas e permanecer anônimas para evitar algum problema de ordem pessoal que poderia ser desencadeado.

Ainda assim, alguns alunos insistiram para que suas respostas fossem lidas, pois eles não se encontravam em grupos, que sofrem com problemas de relação familiar.

Nesse encontro ainda retomou-se a discussão do tema agressão versus punição, que ainda dividem as opiniões dos alunos.

Para AMV, 16 anos, o castigo físico é coisa do passado e defendeu a norma que “proíbe a palmada” aprovada pela Câmara Federal, e encaminhada ao Senado (projeto de lei PL 7672/10). Com efeito, o projeto de lei proíbe qualquer tipo de castigo físico em crianças e adolescentes.

Outros colegas ponderaram que a lei pode trazer mais prejuízos que benefícios ao próprio adolescente, que deixará de ter limites, mas não se chegou a um consenso sobre o tema.

Encontro de 13/09/2013

No quinto encontro percebi que os alunos já dominavam a temática e ponderavam muito sobre notícias veiculadas na televisão e na Internet e os canais onde devem ser encaminhadas as denúncias contra agressores. Citaram ainda a lei 11.340, Lei Maria da Penha, que segundo a aluna JCL, apesar de não contemplar o adolescente, defende a mulher que é a maior vítima de ações violentas que ocorrem dentro de casa. Essa lei

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. (BRASIL, 2006)

Para essa aluna as mulheres adolescentes sofrem em dobro, pois carregam em si os preconceitos contra o gênero.

A roda de conversa começou a se transformar em debates de gênero e diversidade, sendo necessário que este professor mediador intervisse a fim de retomar o foco da atividade.

Encontro de 20/09/2013

Este último encontro foi destinado ao debate aberto a qualquer tipo de indagação. Notou-se que os alunos já demonstravam certo cansaço em relação ao tema, visto se descobria que os resultados não acontecem de imediato.

Os alunos foram reorientados sobre os canais de comunicação para denunciar práticas agressivas contra eles e quanto a sua parte na responsabilidade na manutenção de uma relação saudável dentro de casa.

Durante os encontros, os alunos debateram sobre as formas de violência e o limite entre uma punição e uma agressão cometida pelos adultos. Também se percebeu a atenção dos alunos em relação à violência verbal contra os adolescentes, principalmente pelo fato de prejudicarem seu desempenho na escola. Alguns autores reforçam o prejuízo na vida, principalmente dos adolescentes, como observado em Rosa, Souza e Lira (2012, p. 7), que referem “a violência praticada pelos pais contra seus filhos refere-se a um grave problema social, justificado pelo forte impacto que provoca sobre a vida das pessoas envolvidas”.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante os meses de agosto e setembro de 2013 foi implantado o projeto de intervenção a saúde para alunos do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Jayme Canet em Curitiba. Foram 15 alunos com idades entre 14 e 16 anos que aceitaram participar da atividade.

O resultado da intervenção apresenta-se de forma sequencial, conforme a realização dos encontros e debates.

No primeiro encontro, quando apresentei o filme “Preciosa” para o grupo de alunos, percebi boa receptividade e interesse ao tema que seria debatido. Os alunos gostaram da ideia, primeiro por oportunizar sua saída da sala de aula para outro ambiente e em seguida por se tratar de um tema no qual muitos desses jovens convivem.

No segundo momento, quando se fez a leitura do Estatuto da Criança e do Adolescente, notou-se que muitos desconhecem a própria legislação e que alguns alunos tem uma interpretação equivocada da lei. Em seguida foram abordadas questões legais contidas na Constituição Federal. Percebeu-se que nesse ponto, alguns apresentavam algum domínio do conteúdo. A troca de ideias e opiniões foi muito interessante, haja vista que havia uma variedade de opiniões distintas sobre o tema, principalmente quanto a possível punição para os crimes cometidos contra a criança e o adolescente.

No encontro que se seguiu, foi possível perceber que os alunos já tinham a devida noção da importância dos canais de comunicação para denunciar abusos e de não se manter no anonimato quando sofrer ou tiver conhecimento de quem tenha sofrido algum tipo de violência. No quarto encontro os alunos se puseram a debater sobre as formas de violência e o limite entre uma punição e uma agressão cometida pelos adultos. Também se percebeu a atenção dos alunos em relação à violência verbal contra os adolescentes, principalmente pelo fato de prejudicarem seu desempenho na escola.

O quinto encontro foi destinado a entrega de um questionário preparado por eles e respondido por todos os participantes. O conteúdo não foi lido, porem notou-se que os participantes demonstravam certa apreensão em relação a possibilidade de se revelar o que ocorre dentro de suas casas. Ainda nesse encontro, dos quinze alunos participantes, três faltaram ao encontro e pediram, posteriormente, para sair do grupo e o restante participou até o final do processo. Desses, oito revelaram conhecer pessoas que sofrem com maus tratos praticados por familiares.

No último encontro, percebi que os alunos demonstravam desinteresse pela atividade, pois não viam ali nenhum fato novo, acredito que pelo erro de cálculo de nossa parte em destinar um número elevado de encontros a um grupo de jovens que se interessam e se desinteressam com facilidade pelas coisas que o cercam. Apesar

da participação de todos foi visível a forma com que eles protegiam seu reduto familiar, tanto pelo protecionismo como pela vergonha da exposição, mesmo aqueles que já sabíamos que sofriam problemas em casa, preferiam não se exporem.

Percebeu-se no segundo momento, a boa aceitação por parte dos alunos nas leituras e nas discussões realizadas na roda de conversa, principalmente por se tratar de tema que diz respeito a eles mesmos. Nesse encontro, eles tiveram contato com o Estatuto da Criança e do Adolescente. No terceiro momento, a roda de conversa foi tomada por leituras de leis que deviam estar protegendo a criança e o adolescente, mas que não se vê na prática, ainda foram abordados aspectos constitucionais que versam sobre o tema

No terceiro encontro foi realizada a leitura de pesquisas sobre o número da violência dentro de casa e a gravidade desses números. Pesquisas realizadas por eles junto ao Ministério da Saúde.

No quarto encontro foram discutidas e abordadas dúvidas quanto ao significado do termo violência e sobre os limites dela nas relações familiares, principalmente na relação entre agressão e punição, bem como as agressões verbais que ocorrem com frequência que normalmente passam despercebidas ou ignoradas e que influenciam no comportamento do adolescente no seu cotidiano.

No Quinto encontro, os alunos entregaram os questionários que responderam sobre o assunto. Esses questionários não foram lidos em grupo a pedido dos próprios alunos. A conversa foi redirecionada para a violência contra a mulher e contra a menina adolescente.

No último encontro, já se observava certo desinteresse dos alunos na prática da atividade, que segundo alguns eram por se tratar de forma muito repetitiva, outros achavam que não encontrariam respostas para o que buscavam nos conflitos que se vivencia em casa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar neste projeto de intervenção o tema das relações conflituosas entre pais e filhos adolescentes, sabíamos das dificuldades de alcançar resultados, principalmente entrando numa questão muito polêmica, que é a interferência externa no âmbito familiar. Apesar de se tratar de tema complexo, percebi que seria necessária essa abordagem para que os integrantes percebessem que de alguma forma, as pessoas de fora estão preocupadas com eles e que existem formas legais para encontrar ajuda, quando necessário. A ideia foi de apresentar a eles a legislação, discutindo sua aplicabilidade e sensibilizando-os quanto a importância de uma relação sadia e respeitosa para o desenvolvimento individual perante a comunidade e para a própria saúde física e psicológica de cada um.

O lado positivo no desenvolvimento desse projeto foi o fato de possibilitar uma maior aproximação entre este professor e os alunos e, à medida que os encontros se sucediam, muitas questões e dúvidas foram respondidas e outras tantas, que ficaram sem respostas, possibilitarão futuros encontros, possibilitando uma continuidade dessa atividade, pois para alguns desses alunos, há necessidade de participação continuada dos professores da escola, caso contrário, corre-se o risco da perda de todo o trabalho realizado e o aluno se sentir abandonado novamente.

A repetição do assunto no ambiente escolar e a troca de ideias com diferentes sujeitos, entre os quais, aqueles que mantem uma relação cordial e respeitosa em casa, propiciam suporte para os alunos que se vêm envolvidos com problemas dentro de casa e que não conseguem resolve-los. Esses mesmos colegas, acabam servindo como exemplos a eles mesmos e se ajudam mutuamente, levando para suas casas novas informações e novos conhecimentos. Isso demonstra a importância do papel da escola no desenvolvimento de atividades que valorizam o individuo e sua saúde, melhorando também seu desempenho escolar.

Outra questão positiva da atividade foi o fato de sair com os alunos do lugar comum e interagir com eles de forma amistosa e sem compromisso aparente, pois tudo que é diferente para eles é mais interessante. Esses encontros criaram vínculo entre o professor e os alunos que extrapolam os limites da escola.

Entretanto, foram surgindo problemas na execução do projeto, pois alguns foram se desestimulando o se desinteressando, principalmente quando o aluno não encontrava a resposta que queria ouvir ou quando este professor não conseguiu estimular o aluno na continuidade de sua participação.

Apesar de o projeto não atingir totalmente seu objetivo, pois não foi possível a identificação de situações que estejam pondo em risco a integridade física ou psicológica do aluno dentro de casa, o projeto demonstra que é necessário sua continuidade para que os alunos se sintam mais seguros e saibam onde encontrar apoio.

Assim, acredita-se que esta forma de intervenção pode e deve ser desenvolvida dentro da escola, envolvendo temas ligados a saúde do adolescente, tanto física como psicológica, acompanhado de outras formas de intervenção, com outros profissionais, para dar suporte ao desenvolvimento do estudante, permitindo que ele conheça a plenitude de seus direitos e se construa como cidadão seguro e confiante em si e nas instituições.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA). abuso sexual contra crianças e adolescentes: mitos e realidade. 3 ed . Rio de Janeiro: Editora Autores & Agentes & Associados; 2002. 60p. il. Revisão: Monteiro Filho, L.

ALESSANDRO Portelli in: Figueira, S. (1987). O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível do social. Em S. Figueira (Org.), *Uma nova família* (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1998.

AZEVEDO, Maria Amélia e GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Editora iglu, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2008.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 de jul. 1990.

BRASIL. lei n. 11.340, de 07 de Agosto de 2006. Diário Oficial [da] da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 07 ago. 2006. Seção 1, pt. 1. Disponível em: www2.camara.leg.br/a-camara/procuradoria.../lei-maria-da-penha/view. Acesso em: 01/06/2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência. Brasília: Ministério da Saúde. 1 ed., p. 3-43, 2009.

CECCONELLO, A. M., De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (nº esp.), 45-54.

CLAVES - Centro Latino Americano de Estudos sobre Violência e Saúde. Protocolo de investigação sobre maus tratos na infância e adolescência. Rio de Janeiro: ENSP-FIOCRUZ/OPAS, 2005 (mimeo).

COSTA, M. C. O. et al. Adolescência e Saúde. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=55. Acesso em 26/11/2013.

COSTA, M. C. O. et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n5/04.pdf>>. Acesso em 01 Junho. 2013.

DIREITOS HUMANOS: projeto de lei da palmada. Disponível em <<http://www2.camara.gov.br/camaranoticias/noticias/direitos-humanos/448960-falta-de-acordo-pode-levar-projeto-da-lei-da-palmada-para-votacao-pelo-plenario.html>>. Acesso em 15/ 10/2013.

DAY, V. P., et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, abr. 2003, vol.25 supl.1, p.9-21. ISSN 0101-8108. Disponível em: http://www.pim.saude.rs.gov.br/a_PIM/noticias/654/Artigo%20Direito%20Sanitario%20FINAL.pdf. Acesso em 03/06/2013.

DEVRIES, R. & Zan, B. (1998). *A ética na educação infantil*. Porto Alegre: ArtMed. .

DRUMMOND, M. & Drummond Filho, H. (1998). *Drogas: a busca de respostas*. São Paulo: Loyola.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História oral: desafios para o século XXI*. / Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. — Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. 204p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 347.

FIGUEIRA, S. A. (1987). O “Moderno” e o arcaico na nova família brasileira: Notas sobre a dimensão invisível da modernidade social. In S. A. Figueira (Org.), *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*

(p.11-30). Rio de Janeiro: Zahar.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf. Acesso em 01/04/2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

LIMA< Denio. *Depressão e doença bipolar na infância e adolescência*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S002175572004000300003&script=sci_arttext. Acesso em 28/03/2013.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. Serão os estereótipos e o preconceito inevitáveis? O exemplo da automaticidade. In: LIMA, M. E. O.; PERREIRA, M. E. O. (Org.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: UFBA, 2004. p. 41-68.

LISBOA, M. R. A. (1987). *A sagrada família: a questão do gênero em famílias católicas*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 19ªed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. e GOMES, R. *Experiências Exitosas de Prevenção da Violência*. Disponível em:

<http://www.soperj.org.br/download/experi%C3%AAsncias%20exitosas%20na%20preven%C3%A7%C3%A3o%20viol%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 26/11/2013.

_____. *A violência social sob a perspectiva da saúde pública*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n. 10 (Suplemento 1), 1993. p. 07-18.

NICOLACI DA COSTA, A. M. (1985). *Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos*. Em S.Figueira (Org.), *Cultura da psicanálise* (p. 147-168). São Paulo: Brasiliense.

PIRES, A. L. D. et al. Maus tratos contra crianças e adolescentes: avaliação das notificações compulsórias no município São José do Rio Preto. *Boletim Epidemiológico Paulista*, dez. 2005, ano 2, nº 24.

PORTELLI, Alessandro. "Memória e Diálogos: desafios da história oral para a ideologia do século XXI". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & FERNANDES, Tania Fernandes & ALBERTI, Verena. *História Oral: Desafios para o Século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC, 2000, p. 67-71.

PRECIOSA - Uma História De Esperança. Lee Daniels. Playarte Pictures, 2009.

ROSA, Edinete Maria; LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010412822012000200018&script=sci_artt_ext&tlng=pt.. Acesso em: 27/11/2013.

SAÚDE PEDIA. Evitando o abuso infantil e a violência: Campanha Quebrando o Silêncio. Disponível em <http://www.saudepedia.com.br/2009/08/evitando-o-abuso-infantil-e-a-violencia-campanha-quebrando-o-silencio.html>. Acesso em: 01/04/2013.

SCABINI, E. (1992). *Ciclo de vida familiar e de saúde familiar*. Manuscrito não publicado. Universidade Católica do Sagrado Coração. Milão, Itália.

SCHENKER, M. & Minayo, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 707-717

SIMINONATO, Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8(14/15), 137-150.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 208.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação* (14ªed.) São Paulo: Editora, Cortez, 2005.

WAGNER, A., Ribeiro, L., Arteché, A., Bornholdt, E. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.

WEISS, Maria Lúcia L.. *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.

APÊNDICE

Questionário a ser respondido pelos alunos participantes

- Você já sofreu algum tipo de violência dentro de casa? Qual? Quando foi? Quais as consequências desse fato?
- Você tem conhecimento de algum colega que sofreu ou sofre algum tipo de violência?
- Você sabe diferenciar a punição da agressão? Existe alguma diferença para você?
- Você seria capaz de denunciar abusos cometidos contra você, se ocorressem dentro de sua casa?
- Você acha que a escola pode interceder de alguma maneira nas relações entre pais e filhos? Por quê?